

## **O EU E O TEMPO: UM DESVELAR DA SEXUALIDADE EM MEMÓRIAS DE MINHAS PUTAS TRISTES**

Frederico de Lima Silva, Widigiane Pereira dos Santos Fernandes,  
Tâmara Duarte de Medeiros, Hermano de França Rodrigues

*Universidade Federal da Paraíba - Email: contato@fredericolima.com*  
*Universidade Federal da Paraíba - Email: widigiane.fernandes@gmail.com*  
*Universidade Federal da Paraíba - Email: tamaraduarte.br@gmail.com*  
*Universidade Federal da Paraíba - Email: hermanorg@gmail.com*

**Resumo:** A cultura lança sobre o idoso um estereótipo de sujeito que chegou no limiar da sua existência e que, diferente da juventude, encontra-se cingido em praticamente todos os aspectos da sua vida. Quando tocamos no quesito sexualidade, a velhice ganha um tom ainda mais depreciativo, tendo em vista que ela é cultural, biológica e cientificamente reconhecida como a última fase de declínio da sexualidade humana, de nulidade dos desejos sexuais, de castração fisiológica. Não é o caso do personagem principal da narrativa *Memórias de minhas putas tristes*, pelo contrário, encontramos um idoso com vivacidade, intelecto aguçado pela experiência, que desconstrói o entendimento equivocado que o senso comum impõe à sexualidade na velhice, por meio da sua vontade de gozar, dentro da subjetividade de um momento entre as improváveis ligações amorosas que essa personalidade ficcional tenta a todo custo manter, tendo em vista que, apesar da decadência do corpo, sua vontade ainda é jovem e é essa a motivação que o interpela a continuar na vida de outros a nossa própria história. Para tanto, faremos uso de recortes da obra, tendo como foco a relação entre o Velho Sábio e a jovem Delgadina, e recorrendo à teoria psicanalítica freudiana como baldrame analítico para o entendimento dos desejos contidos nessa relação.

**Palavras-chave:** Literatura; Idoso; Sexualidade; Angústia; Psicanálise.

### **1. INTRODUÇÃO**

“A transição entre a manhã da vida e o depois do meio-dia da vida dá-se por uma transmutação de valores. Sem nenhuma preparação os homens chegam à segunda metade da vida, e de modo quase que imprevisto; pior ainda, atingimos o após meio-dia da vida cheios de preconceitos, de ideais, de verdades que eram até agora nosso arsenal. Ora, é impossível viver o crepúsculo da vida com a mesma programação da manhã, pois aquilo que era então importante, provavelmente será de pouca significação e a verdade da manhã será o erro do crepúsculo.”

**Carl Gustav Jung**

O envelhecimento no idoso é, assim como a infância é para a criança e a puberdade é para o adolescente, parte do processo cronológico de desenvolvimento, de maturação do ser humano. Diferente do que se imagina, a velhice não se caracteriza como uma fase decadencial da construção da subjetividade, afastando-se de outras como a infância e a adolescência, haja vista que esses momentos de construção da subjetividade, numa visão psicanalítica, não se

contrapõem, mas se complementam, como partes de um todo indivisível no construir-se enquanto sujeito.

Nessa conjectura, pensar o idoso como alguém que está sexualmente em decadência ou anulado constituiria uma falha grave de entendimento dos processos de subjetivação do homem. Apesar da decrepitude do corpo, trazendo consigo a imagem das limitações impostas pelo tempo e que assinalam o destino comum a todos nós, a morte, a velhice não difere da adolescência em termos de vontade de ter, de desejar, ou seja, os interditos impostos à figura do idoso são, em sua maioria, frutos de uma mentalidade arcaica, ainda em voga, que estabeleceu tabus que necessitam ser desconstruídos.

O objetivo deste estudo é analisar, numa perspectiva baseada nos postulados psicanalíticos freudianos, as configurações da sexualidade na velhice, metaforizadas na obra *Memórias de minhas putas tristes*, a fim de vislumbrar como o protagonista desconstrói o estereótipo de sexualidade anulada que o senso comum atribui aos idosos.

A obra *Memórias de minhas putas tristes*, além de servir como *corpus* de nosso estudo, salientará, à luz da teoria psicanalítica, como a literatura consegue metaforizar, em suas linhas e entrelinhas, os processos de subjetivação do homem, o encontro entre os códigos do fantasiar e da realidade. Esse diálogo nos permitirá o privilégio de ir mais adiante, além do que está dito, pois a teoria psicanalítica nos permite enxergar um universo ainda mais vasto do que aquele que as margens do livro nos permitem ler, a dimensão do não-dito, do que falta e/ou do que resta.

## **2. A SEXUALIDADE E O TEMPO**

Analisar a condição do idoso no mundo requer conhecimento histórico de como os processos de vivência dessa população desenvolveram-se através dos séculos, cada obstáculo transposto na família, na coletividade, na política, na economia, saúde e as projeções que refletiram e refletem na relação social de um país, de uma comunidade, em um grupo. Observa-se que conhecer essas contribuições na história nos insere na real capacidade do idoso de não ser apenas um mero expectador da vida, mas, sim, atuante nas diversidades do cotidiano, com as suas experiências, habilidades e relações que podem transmitir conhecimento adquirido através desses anos, podendo ser repassadas as novas gerações, indo além do ambiente doméstico.

A literatura tem um papel relevante nas realidades criadas pelos autores, evidenciando assim, fatos do cotidiano escondidos no dia a dia que, de tão presentes, nos deixam acobrunhados diante dos fatos.

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias podem conservar seu valor através dos séculos. (EAGLETON, 1997, p. 16-17)

Para Rios e Cortella (2014, p. 86) a questão da aposentadoria tem um significado mais abrangente e vai além do chinelo e do pijama, que significaria o fim das obrigações trabalhistas e do orçamento doméstico e criação dos filhos, ele reflete no comodismo, alienação e apatia com outras atividades, espelhando sobre o viés do significado de trabalho na vida das pessoas. Simplesmente, o trabalho tem outra conotação e essas pessoas querem consumir, o emprego não tem mais o caráter de subsistência ou um valor emocional como antes, e aqui não cabe mais o jargão: “o trabalho dignifica o homem”, e sim a afirmação, de que o exercício profissional dá a possibilidade de consumo, afinal, está é condição imposta pelo capitalismo.

Ressaltamos, ainda, que a concepção concebida neste trabalho é objetiva, transformadora e consciente de sua finalidade, distinguimos o idoso mórbido, sem perspectivas que está resignado a um envelhecer triste e enfadonho, do idoso dinâmico, ativo e sem problemas característicos da idade como ressaltamos anteriormente.

A relação entre a teoria e prática, está entre um dos grandes desafios não só para a terceira idade<sup>1</sup> como para qualquer indivíduo que necessite pôr em prática sua sexualidade.

Adotaremos a obra *Memória de Minhas putas tristes*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, com a finalidade de investigar as memórias do personagem denominado apenas como *Sábio Triste* assim será designado no trabalho, durante toda a leitura irá vivenciar o cotidiano deste homem idoso que, ao completar noventa anos, decide que se presenteará com uma adolescente virgem, contratando o “serviço” num prostíbulo, somente

---

<sup>1</sup> A política de integração da velhice introduzida na França a partir de 1962 visava a modificações político-administrativas, assim como à transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Os novos aposentados começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas, já que a imagem de degradação estava muito associada às camadas populares: o antigo retrato preto-e-branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem viver. Faz-se então necessário criar um novo vocábulo para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados – surge a terceira idade (83) 3322.3222

neste início já encontramos um tabu e uma transgressão, onde essa narrativa nasce de contradições, uma pessoa velha e uma jovem para uma noite de sexo.

O autor contrapõe as gerações e a humanidade entre a dualidade do bem e o mal, desmascarando uma sociedade que ovaciona as alegorias da vida, mesmo que estas mazelas sociais e o descaso deixem a deriva o conceito de envelhecimento, o qual está enraizado a nossa cultura e no juízo de valor que fazemos desses indivíduos que passamos a vida sem perceber a importância desse ciclo.

Márquez (2005) foge da visão de velhice como anulação do sujeito, onde não há mais espaço para sonhos, desejos sexuais e amores ao nos apresentar um personagem que, para comemorar seu aniversário de noventa anos, decide presentear-se com uma noite ao lado de uma jovem ainda virgem, num bordel; lugar que frequentou durante boa parte de sua vida:

No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha alguma novidade disponível. Nunca sucumbi a essa nem a nenhuma de suas tentações obscenas, mas ela não acreditava na pureza de meus princípios. Também a moral é uma questão de tempo, dizia com um sorriso maligno, você vai ver. (MÁRQUEZ, 2005, p. 1)

O que surpreende neste personagem diferentemente de outros personagens heroicos e viris, não está nos seus feitos apoteóticos, e nem na sua força, mas está na sua humanidade, no seu dia a dia. Ele representa os homens que transgridem normas e costumes em tempos conservadores, sem, para isso, abrir mão de uma ética própria, como declara o protagonista ao afirmar que “[...] nunca participou de farras de grupo, nem de contubérnios públicos, nem compartilhou segredos nem contou uma só aventura do corpo ou da alma, pois, desde jovem, se deu conta de que nenhuma é impune” (MARQUÉZ, 2005, p. 16). Entretanto, sua angústia<sup>2</sup> situa-se justamente nesse passado tão viril, másculo e a sua subjetividade, que para ele está nos clichês apenas de sua memória.

Incrustada no corpo, a memória se apresenta como olhar, voz, imagens, odores, sensações e percepções, dando-lhe uma determinada textura e tornando-o diferente de todos os outros. As marcas do corpo contam uma história. A memória habita os encontros e desencontros amorosos, os

<sup>2</sup> A angústia constitui um dos elementos de maior importância para a teoria psicanalítica freudiana, sendo alvo de formulações e reformulações durante a vida do célebre psicanalista, o que torna difícil uma conceituação acerca do tema. Todavia, para fins de entendimento geral, a angústia pode ser entendida como um mecanismo de defesa resultando do conflito enfrentado pelo ego na sua tentativa de lidar com os anseios do id, as exigências do superego e as imposições da realidade.

sentimentos de solidão, abandono, ódio, as escolhas, as diferentes faces da sexualidade e as perdas que compõe o cotidiano. (MUCIDA, 2009, p. 15)

No caso do personagem, essa memória percorre sua trajetória do início ao fim, a maturidade dos anos vividos não lhe confere, entretanto, controle sobre seus atos e emoções, o curso da vida lhe deu muitos privilégios e costumes errôneos a respeito de relacionamentos, e esses vícios não lhe introduziram no universo de responsabilidade característico dos homens que buscam relacionamentos sérios para um padrão de ordem familiar, e sim, prazeres que ele dispunha em troca de dinheiro, como salienta, dizendo “nunca me deitei com mulher alguma sem pagar, e as poucas que não eram do ofício convenci pela razão ou pela força que recebessem o dinheiro nem que fosse para jogar no lixo” (MARQUÉZ, 2005, p. 16).

Nesse caso, evidencia-se que seus sentimentos estão diretamente enraizados no seu desejo de possuir, que se manifesta por meios das paixões que se diluem em uma noite, não banhado em festas de Dionísio<sup>3</sup>, mas perdido entre as filhas de Afrodite<sup>4</sup>; vivendo de modo libertino, mas, principalmente, liberto das amarras sociais da época, pois, sendo livre, pôde sonhar intensamente e ver a vida da forma como desejava. Todavia, isso também conferiu solidão, todo esse desapego o transformou num sujeito duro, tendo que resfolegar a cada dia sem ninguém para lhe dá abrigo, proteção, mesmo que não demonstre sofrer com estas ausências e recordando-se que uma vez se doou a um sentimento sincero que pudera ser chamado de amor, mas a traição desse amor o fez retornar a vida de libertinagem e luxúria.

Essas retomadas na consciência do protagonista nos fazem criar empatia pelo momento vivenciado e, de certa forma, fazem-nos sentir que toda a sua trajetória foi elaborada a partir dessa angústia, que o lançou novamente ao domínio do funcionamento perverso, como uma tentativa sustentar-se ante a desilusão amorosa.

A perversão<sup>5</sup> não existe, em outras palavras, senão como uma extirpação do ser da ordem da natureza. E com isso, através da fala do sujeito, só faz imitar

<sup>3</sup> Em Atenas, as festas de Dionísio, – as Dionisíacas se celebravam oficialmente com mais pompa do que em todo resto da Grécia, e eram presididas pelo primeiro arconte. As principais cerimônias consistiam em procissões em que se conduziam tirsos, vasos cheios de vinho, coroas de pâmpano, e os mais importantes atributos de Dionísio.

<sup>4</sup> Afrodite (ou *Vênus*) é uma das divindades mais célebres da antiguidade: era ela quem presidia os prazeres do amor.

<sup>5</sup> Segundo Roudinesco e Plon (2008), perversão é um “termo derivado do latim *pervertere* (perverter), empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-a, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma sociais e sexual [...]. Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão foi definitivamente adotado como conceito para a psicanálise, que assim conservou a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou valorizadora, juntamente com a psicose e a neurose, numa estrutura tripartite” (pp. 583-584).

o reino natural de que foi extirpada a fim de melhor parodiá-lo. Eis efetivamente por que o discurso do perverso repousa sempre no maniqueísmo que parece excluir a parte de sombra à qual não obstante deve sua existência. Absoluto do bem ou loucura do mal, vício ou virtude, danação ou salvação: este é o universo fechado no qual o perverso circula deleitosamente, fascinado pela ideia de poder liberta-se do tempo e da morte. (ROUDINESCO, 2008, p.12)

Nesse sentido, o que caracteriza o comportamento perverso de Mustio Collado talvez não seja um desrespeito em relação ao corpo e/ou à alteridade daquelas com a qual se relaciona sexualmente, mas pelo modo como seu desejo está atrelado a um imperativo de gozo, que não se funda em um afeto com ares amorosos, e sim pelo desejo de ter, como podemos evidenciar em atitudes como a descrita no seguinte trecho:

Era quase uma menina, mais para forte e xucra, de palavras breves e terminantes, que se movia descalça para não me estorvar enquanto escrevia. Recordo que eu estava lendo *La lozana andaluza* na rede do corredor, e a vi por acaso inclinada no tanque com uma saia tão curta que deixava a descoberto suas coxas suculentas. Presa de uma febre irresistível levantei-a por trás, baixei suas prendas até os joelhos e avancei pelos fundos. Ai, senhor, disse ela, com um queixume lúgubre, isso não foi feito para entrar, mas para sair. Um tremor profundo percorreu seu corpo, mas se manteve firme. Humilhado por tê-la humilhado quis pagar a ela o dobro do que custavam as mais caras daquele tempo, mas não aceitou nem um tostão, e tive que aumentar seu salário com o cálculo de uma montada por mês, sempre enquanto lavava roupa e sempre pela retaguarda. (MARQUÉZ, 2005, p. 17)

Por sua vez, a relação do protagonista com a jovem Delgadina, de apenas catorze anos, remete-nos a outras duas obras bastante conhecidas: *Presença de Anita*, obra homônima de Mário Donato, publicada pela primeira vez em 1948 e *Lolita*, de Vladimir Nabokov, cuja primeira edição foi lançada em 1955. Em ambas as obras, uma ninfeta seduz o homem maduro e passa a conduzi-lo a sensações e prazeres numa descoberta de emoções que ele mesmo desconhecia. Assim como nas relações estabelecidas nas obras citadas, a que se estabelece entre o jornalista e Delgadina possui características perversas, tendo em vista que a relação entre um adulto e uma adolescente de catorze anos pode ser entendida como pedofílica, principalmente quando buscamos compreender o porquê do protagonista nomear a “menina” com o nome de Delgadina:

Assim, comecei a secá-la com a toalha enquanto cantava para ela em sussurros a canção de Delgadina,

a filha mais nova do rei, requerida de amores pelo pai. À medida que a secava ela ia me mostrando os flancos suados ao compasso do meu canto: 'Delgadina, Delgadina, tu serás minha prenda amada'. Foi um prazer sem limites, pois ela tornava a suar por um lado quando eu acabava de secá-la pelo outro, para que a canção não terminasse nunca. No final, quando os criados do rei a encontraram morta de sede em sua cama, achei que minha menina estava a ponto de despertar ao escutar o nome. Então, essa era ela: Delgadina. (MÁRQUEZ, 2005, p.64)

Luiselli (2006), em seu artigo *Los demonios en torno a la cama del rey: pederastia e incesto en Memorias de mis putas tristes de Gabriel García Márquez*, aponta que o protagonista usa o nome Delgadina em referência a uma história popular medieval, que narra o drama de um rei que deseja sexualmente a sua própria filha, a princesa Delgadina, algo que dá ainda mais sustentação da nuance pedofílica, como orienta a pesquisadora:

O ponto que conecta Garcia Marquez com Nabokov, além da pedofilia explícita de seus romances, é o compromisso de ambos os escritores de conceder, através de seus personagens de pederastia, uma identidade diferente da que as meninas vítimas em suas histórias . Através do complexo mecanismo de negação da realidade que pode ser testemunhado em ambos os narradores, é possível desvendar os truques e auto-enganos que os pederastas devem fazer para autorizar psiquicamente o triunfo físico de seu desejo transgressivo. (LUISELLI, 2006, tradução nossa)

O tempo é tão distante na narrativa que parece perdida no tempo e espaço, na qual vislumbramos o entrelaçamento dessas narrativas, Gabriel García Márquez, eventualmente, pode não ter utilizado essa mimese, entretanto, ela anuncia uma familiaridade entre as histórias durante o processo de leitura. E mesmo que o objetivo do protagonista, permeado por sua ética própria, não resida em um desejo perverso, mas numa tentativa de, por meio daquela contemplação, encontrar um ponto ou um motivo para ainda desejar, ou seja, mais intimamente, sentir-se vivo, a própria narrativa desconstrói esse cenário ao trazer à tona xx.

Se a cultura entende a velhice apenas como um caminhar decrepitante rumo à morte, onde o ser humano vê seu corpo sendo ainda mais limitado pela ação do tempo e das interdições impostas pelo imaginário popular, cuja força, não raro, excede as das próprias questões fisiológicas, temos na figura de Mustio Collado um genuíno quebrador de tabus, pois não alimenta limitações comuns atribuídos aos idosos, em especial àquelas ligadas ao corpo e que erroneamente, para muitos, determinam a finitude da sexualidade. Se, para a maioria das pessoas, a perda do corpo jovem instaura um luto

comum a todos os sujeitos e determinante para se estabelecer o limiar sexual do ser humano, o protagonista do romance em análise serve de contraponto a essa perspectiva, ao afirmar, ainda nas linhas iniciais da narrativa, que:

Minha vida sexual não me preocupou nunca, porque meus poderes não dependiam tanto de mim como delas, e quando querem elas sabem o como e o porquê. Hoje em dia dou risada dos rapazes de oitenta que consultam o médico assustados por causa desses sobressaltos, sem saber que nos noventa são piores, mas já não importam: são os riscos de estar vivo. (MARQUÉZ, 2005, p. 14)

Ou seja, o personagem desconstrói a noção de sexualidade ligada única e exclusivamente aos órgãos sexuais; um entendimento que, mesmo errôneo, ainda faz parte do imaginário popular. Aqui, somos apresentados à clara certeza de que “a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas” (NUNES; SILVA, 2006, p. 73).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, por meio de sua capacidade de integrar discursos que fogem ao básico das relações cotidianas, consegue metaforizar os caminhos e descaminhos do itinerário humano sem as amarras do senso comum, dando oportunidade de fala a certos aspectos ainda tidos como tabus pela cultura, como, por exemplo, a sexualidade em suas variadas manifestações.

Dessa forma, a análise da obra *Memórias de minhas putas tristes* nos permitiu vislumbrar a sexualidade na velhice afastada do pensamento atrelado ao estereótipo, fruto desse senso comum que vê o idoso como um sujeito cujos desejos e a sexualidade estão anulados devido à decadência biológica do corpo, ou seja, as sexualidades no idoso não diferem daquelas manifestadas em outras fases do desenvolvimento psicosssexual do ser humano, sendo ela uma energia instintiva fundamental que nos direciona para o prazer e que está sujeita às inúmeras variações que o corpo e o psiquismo humano comportam.

## REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. *Afrodite – A Deusa Do Amor (Vênus) – Mitologia Grega*. Disponível em: <https://www.mitologiaonline.com/mitologia-grega/deuses/afrodite/>. Acesso em: 20 agosto de 2017.

BRASIL. *Lei nº 10.741*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm)> Acesso em 08 de outubro de 2017.

CORTELLA, Mario Sergio. *Vivemos mais! Vivemos bem?*. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2014.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. *Velhice ou Terceira Idade?*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

Dionísio (Baco) – *O Deus Grego Da Mitologia*. Disponível em: <https://www.mitologiaonline.com/mitologia-grega/deuses/dionisio/>. Acesso em: 20 agosto 2017.

FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintoma e Angústia, o Futuro de uma Ilusão e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HISGAIL, Fani. *Pedofilia: um estudo psicanalítico*. 2ª reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUISELLI, Alessandra. Los demonios en torno a la cama del rey: pederastia e incesto en Memorias de mis putas tristes de Gabriel García Márquez. In: *Espéculo*, Madri, n. 32, 2006. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero32/camarey.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memórias de minhas putas tristes*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP. Autores Associados. 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *A Parte Obscura de Nós Mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.